Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Esta é a última foto de PAULETTE GODDARD, a mulher mais perfeita do Mundo

2.ª SÉRIE — N.º 36 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 14 DE JULHO DE 1941 — PREÇO: 1$50



Sonho duma noite de Verão

Shakespeare, ao intitular «Sonho duma noite de verão» uma das suas melhores obras, baseou-se na idéia, de serem, as noites da estação que agora atravessamos, mais propícias à divagação espiritual, materializando, duma forma estranha as mais fantasistas impressões. Isto acontecia há centenas de anos. Hoje, o sêr humano, já não se dá a êsse luxo. Acabaram-se os passeios junto dos lagos onde o ambiente poético convidava à meditação. Deixou de haver serenatas e muitas outras coisas, mas em contra partida surgiram outras mais práticas e muito dignas das gentes de hoje.

Entre essas coisas, com as quais Shakespeare não contou, há uma, que em qualquer época do ano, nos permite sentir uma sensação indefinível de prazer espiritual.

A FOTOGRAFIA!

E é por causa das fotografias, que muitas vezes, passam despercebidas aos olhos dos leitores de jornais e revistas que resolvemos hoje, escrever estas linhas.

Recebemos há dias a foto que publicamos nesta página.

Ao admirá-la, seja quem fôr, não poderá mostrar-se indiferente e não deixará, por certo, de dar a entender a satisfação que ela lhe provocou. Dirá, como nós dissemos:

— Que linda fotografia!

É possível que a mire e remire, mas não é provável lembrar-se que nesta foto não estão sòmente os cabelos e o rôsto encantador de Alice Fay. Está um homem; um homem que ninguém vê: — O FOTÓGRAFO DE CINEMA!

Assim, esta fotografia, é um símbolo! Vale por tôdas as milhentas fotografias, chamadas «de publicidade» que se encontram espalhadas pelo mundo inteiro, e que são obras dêstes trabalhadores anónimos, muito injustamente desconhecidos pelo grande público.

Os nossos leitores, vêem semanalmente inúmeras fotografias nas páginas de «Animatógrafo». São alguns dos seus artistas preferidos; são os astros e as estrêlas, mas há uma grande vedeta de que nunca se lembram: O fotógrafo. E é êle, indiscutivelmente a vedeta de tôdas as fotografias que faz.

Eis, porque, nos lembrámos de intitular êste artigo «Sonho de uma noite de verão». E é indiscutivelmente.

O enquadramento, o chamado «angula da beleza» é deveras notável. A luz, sàbiamente colocada, valoriza extraordinàriamente a beleza, já de si notória de Alice Fay. Os cabelos revoltos dão uma sensação estranha com a iluminação clara anteposta, com Arte, ao fundo negro. E muitos outros pormenores, que os leitores poderão observar fazem desta fotografia simbólica, um motivo de contemplação.

Já, em «Animatógrafo» chamámos, por mais do que uma vez, a atenção dos nossos leitores, para fotografias. Uma delas, era um invulgar enquadramento. Hoje é a iluminação, a posição da artista e tudo o mais...

E, depois de contemplarem, como nós contemplámos, digam se esta fotografia é ou não um autêntico Sonho de uma noite de serão?

J. M.

2.ª série / N.º 36 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

14 de Julho de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

AS PRIMEIRAS CENAS DA COMÉDIA «O PAI TIRANO»

Vasco SANTANA, RIBEIRINHO, Luiza Durão e Henrique de Albuquerque

«venderam» sapatos na secção de sapataria do Grandella, reconstituida nos Estúdios da TOBIS Portuguesa



Um conjunto da secção de sapataria do Grandella onde Chico e Santana atendem diàriamente as mais desejáveis e indesejáveis clientes

Segunda-feira, dia 7, rodou-se a primeira volta de manivela do «Pai Tirano» primeiro filme da «Produção António Lopes Ribeiro». O acontecimento não podia passar com a indiferença dos que, há anos, pelo esfôrço do trabalho efectivo, pela propaganda, de tôdas as maneiras e em tôdas as oportunidades, lutavam porque o Cinema português assentasse em bases sólidas de organização, de continuidade de trabalho, de disciplina técnica e correcção entre colaboradores, isto é, lutarem porque o Cinema português existisse realmente.

Segunda-feira, dia 7, foi, portanto, dia de festa para o Cinema português e para... «os homens de boa-vontade». No estúdio da Quinta das Conchas que a «Produção António Lopes Ribeiro» alugou à Tobis Portuguesa, compareceram os jornalistas, pessoas de destaque do meio cinematográfico e alguns amigos íntimos do Director de Produção e seus colaboradores. Fizeram meia lua à volta da cena e uns sentados nas cadeiras de lona, outros de pé, todos vivamente interessados seguiram os trabalhos durante a parte da manhã.



O Chico confessa a Santana os dissabores que a sua paixão pela Tatão lhe tem provocado. E o Santana que é colega, amigo e ensaiador do Chico, aconselha-o a desistir dessa menina cinéfila e dedicar-se inteiramente à sua Arte, a Arte de Talma

«O Pai Tirano» começou pelo princípio

Desde as 8 horas havia no estúdio grande azáfama. Enquanto os actores do dia, Vasco Santana, Ribeirinho, Luiza Durão, Henrique de Albuquerque, Júlia de Assunção e Jeanette Vallée estavam entregues aos cuidados de António Villar, chefe-caracterizador, a equipa técnica dava os últimos arranjos no cenário — que era nem mais nem menos que a reconstituição da secção de sapataria dos Armazéns do Grandela.

Depois de tudo pronto e convenientemente iluminado pelo saber e o gôsto apuradíssimo de César de Sá, Vasco e Ribeirinho vieram para a cena a fim de venderem o seu primeiro par de sapatos — primeiro calçado do «Pai Tirano».

Ao contrário do que geralmente acontece nas fitas, onde as necessidades do trabalho obrigam às alterações mais variadas na ordem dos trabalhos, deu-se no «Pai Tirano» êste facto agradável, curioso e de bom presságio: o primeiro plano que se filmou era o primeiro plano da primeira cena da fita. Assim a primeira imagem que os cinéfilos vão ver

(Conclui na pág. 7)

O correspondente particular de «Animatógrafo» na América assistiu à estreia mundial de

«UMA NOITE EM LISBOA»

com

Fred Mac Murray e Madeleine Carrol



Esta é uma das cenas do filme cuja acção se desenrola, em parte, na capital portuguesa

Nesta primeira crónica americana para «Animatógrafo», vou dar-lhes as minhas impressões de dois filmes: «Blood and Sand», da Fox, que terminava a sua brilhante carreira quando aqui cheguei à cidade do Hudson, e «One Night in Lisbon», da Paramount, a cuja estreia, como é fácil supor, seria um crime faltar... Escusado será dizer que não falhei essa *world premiere*.

«Blood and sand» cujo título hispânico será, julgo eu, «Sangre y arena» estava no elegantíssimo Roxy donde saiu agora para dar lugar ao «Man hunt», filme que não deve ir a Portugal... nem a Berschetgaden, onde se passa a cena culminante da película.

Voltando ao «Sangre y arena» acho que Blasco Ibañez não se deveria sentir ofendido pela versão cinematográfica do seu livro. Se bem que haja alguns defeitos de interpretação hispânica do realizador — por ter ido buscar ao México o ambiente de praça de touros e alguns detalhes mais, nem por isso desmerece, resultando, no meu entender, uma das melhores fitas coloridas que tenho visto.

Tyrone Power consegue ajustar a figura do elegante toureiro sevilhano, ardente, audaz e analfabeto. Dá-nos com realismo exagerado até, a emoção mêdo do matador antes de entrar na praça, e vinca nitidamente as fases psicológicas do herói: a fatuidade do novilheiro, a satisfação de si próprio quando já matador consagrado, a decadência moral e artística, na obsessão do seu amor louco pela pérfida Rita Hayworth e finalmente a reacção final que o dignifica e mata, quando êle transforma os assobios com que o público o recebe, em ovação grandiosa.

Há cenas adoráveis de beleza. Os toureiros, nas suas vestes garridas, rezam piedosamente diante do altar da Virgem, antes de entrarem na praça e à capela chega o ruído abafado dêsse público cheio de sol e temperamento. No final misturam-se na areia do redondel o sangue do ídolo de ontem, que o touro matou com as flores que cobrem o novo ídolo que matou o touro... O elegante sevilhano morre ali a dois passos dessa «afición», que foi sua e que agora aplaude frenèticamente o seu rival. Morre orgulhoso na púrpura e ouro do seu belo trajo de «matador» andaluz, tantas vezes coberto de flores, de sorrisos, de ciume. Morrerá para todos menos para Linda Darnell, o único, o verdadeiro, o adorado amor de tôda a sua vida.

É uma película notável, de bela poesia peninsular, seqüência de imagens duma novela sugestiva e humana, montada com luxo, por vezes até com fausto, equilibrada até nos pequenos enganos de observação folclórica do realizador.

«One night in Lisbon», estreado no Paramount. Permito-me sugerir o título português para esta fita: «Uma noite em Cacilhas. A história só lacònicamente merece ser contada. O Fred Mac Murray, americano cem por cento, cujo grande talento consiste em tocar um pequeno instrumento imitando o pato — brincadeira com que se diverte e nos diverte durante todo o espectáculo — encontra a Madeleine Carrol num abrigo subterrâneo, em Londres...

Vê-la, dizer-lhe umas gracinhas que nos fazem rir e assustam a Madeleine, amá-la, persegui-la, encontrar o noivo da senhora, respeitável oficial da «home fleet», beijá-la demoradamente duma maneira assaz convincente... tudo isso foi obra dalgumas centenas de metros de fita, com boa comédia e boa interpretação.

«Hic opus labor est»... Eles resolvem vir para Cacilhas; estragam a comédia, estropiam a fita, começa a tragédia! Lisboa é-nos passada pelos beiços, em três imagens rapidíssimas: Terreiro do Paço, um vago trecho da cidade, e um autêntico burro de Cacilhas que sobe uma calçada...

Metem-se os actores num hotel de terceira ordem (pela imoralidade que se passa lá dentro; no entanto as camas grandes tendem talvez a imitar o Aviz ou o Palácio Real de S. Petersburgo). O «concierge», cínico até à medula dos ossos, recebe os hóspedes em bom inglês, enquanto pisca o ôlho aos espiões inimigos (êste pormenor é absolutamente verídico... e primitivo); e para nos dar a impressão de que também sabe falar português, substitui o elegantíssimo «Sir», de entoação inglesa, por um castelhaníssimo «señor». E ainda para tirar a prova dos nove da sua ciência da língua de Camões, diz à criada: «Màia digaá sinhó qui o xôfé stá qui», isto em perfeitamente mau caipira. A tal «doméstica» não veste como a elegante criadita lisboeta: usa uns belos saiotes mirandeses ou coisa semelhante. Unicamente a rapariga do bengaleiro (moça inteligente que pena foi não ter sido melhor aproveitada) pronuncia em vernáculo lusitano o expressivo vocábulo «número»... e nada mais.

Depois começa a tragédia da cabine telefónica que gira, por onde desaparecem as pessoas, que vão ter a um subterrâneo onde há bandidos, espionagem, murros... e disparates: E tudo isto para apanhar o papelinho que a M. Carroll trouxe de Londres... No fim, «everything is all right», chegando expressamente outro avião de Londres com o resto dos actores que lá tinham ficado!... Antes, porém, há um trecho de música portuguesa que serve de fundo musical a uma grande discussão entre o Fred, a Madelaine, o tenente da «home fleet», e a ex-mulher do mesmo Fred, chegada também de propósito nessa noite. É pena que o barulho das suas vozes não nos deixe entender a única coisa aproveitável dessa agitada noite em Alguidares de Baixo.

É de louvar o tacto do realizador em manter-nos sempre presente a sensasãozinha lusitana, pois que todo o pessoal menor do mágico hotel, incluindo o proprio gato alfacinha que não chega a aparecer, termina as suas bem urdidas frases em língua de Shakespeare com o bem castelhano «señor»... «si, señor»!...

—Enfim... é «bonitchinho», como dizem as simpatiquíssimas moças cariocas!

Nova Iorque, Junho de 1941.

BERNARDO TEIXEIRA

PANORAMICA

Portugal no Brasil

A bordo do «Siqueira Campos», do Lloyd Brasileiro, partiram cinco portugueses que, em missões muito diversas, vão todos certamente contribuir para o estreitamento das relações cinematográficas luso-brasileiras.

Nomearemos primeiro António Ferro, nosso dilecto amigo, Director do Secretariado da Propaganda e da Emissora Nacional, a quem o Govêrno Brasileiro convidou para colaborar na recepção que vai ser feita à Missão de Agradecimento que o Govêrno Português em tão boa hora decidiu enviar além-Atlântico.

António Ferro leva consigo numerosos filmes, alguns inéditos, destinados a espectáculos de gala que organizará.

Júlio Cayola, Agente Geral das Colónias, vai participar nas manifestações culturais a que a visita oficial da Missão servirá de pretexto, indo mostrar ao Brasil a colecção notabilíssima de obras que tem editado, e que é, sem dúvida, uma das mais altas afirmações do espírito português contemporâneo.

Também partiu no mesmo barco Francisco Correia de Matos Júnior, gerente da Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas, Ld.ª, que vai em viagem de negócios tratar da colocação no Brasil de vários filmes produzidos e a produzir, entre êles «Feitiço do Império» e as futuras produções de António Lopes Ribeiro.

Com êle, e enviado pela SPAC, vai o operador Artur Costa de Macedo, decerto o nosso melhor repórter cinematográfico, que se desloca expressamente para filmar os passos da Missão de Agradecimento e da viagem de António Ferro.

Esta última, prolongar-se-á por outros países da América do Sul.

A Viagem Presidencial

Agita-se a ideia de filmar a viagem presidencial ao Arquipélago dos Açôres. Mas surgem dificuldades de vária ordem. No entanto, é de esperar que sejam removidas, pois não é possível prescindir da fixação dessa jornada histórica, a que o movimento dá extraordinário significado e alcance.

A memória dos homens é curta. E tão grande é a soma de factos novos e díspares que todos os dias se acumulam na imprensa, que poucas coisas conseguem ser lembradas, a alguns meses de distância, senão por aqueles que nelas participaram.

Mas os homens vão tôdas as noites ao cinema. E cada vez irão mais, como único paliativo, quando não lenitivo, da inquietação cotidiana.

E o Cinema tem uma memória longa — sob uma condição: a de que ponham uma câmara-de-filmar diante dos acontecimentos que convém não esquecer.

Redução forçosa

Para que possamos manter a nossa tiragem habitual e a cadência semanal que nos impusemos, foi necessário reduzir o número de páginas do «Animatógrafo».

Leva-nos a essa medida extrema a escassez, verdadeiramente angustiosa, do papel compatível com o nosso reduzido preço de capa.

Garantimos, no entanto, que essa redução, de 20 para 16 páginas, sem contar com o Retrato-brinde, só se VERIFICARÁ DURANTE OS MESES DE VERÃO, ou seja durante seis ou oito números.

Os nossos leitores já sabem quanto vale a garantia do «Animatógrafo». Temos assim a certeza de que êles nos continuarão fiéis. E, para a próxima época, preparamos-lhe uma agradabilíssima surpreza, que os compensará largamente das páginas de leitura que fomos levados a suprimir.

Gracie Fields

Mais uma estrela em Lisboa. Desta vez não se trata dum nome familiar para os nossos leitores, conquanto se trate duma vedeta de categoria, ídolo da «rádio», ídolo do palco, ídolo da tela. Gracie Fields tem sido para nós, uma estrêla ausente, uma estrêla a brilhar noutro hemisfério.

Na outra guerra cantou para os soldados; na actual conflagração, volta a cantar para os soldados. Ela não passou em Lisboa com destino a qualquer estúdio; tráz uma missão especial a cumprir. «Animatógrafo» limita-se, portanto, a registar a passagem de Gracie Fields em Lisboa, lamentando que ela não tenha, entre nós, a popularidade a que tem jus.

A invasão indesejável e dispensável

Não teremos em Portugal muitos moralistas, na autêntica e nobre acepção do têrmo. Mas temos pelo menos um: o Doutor Agostinho de Campos, cuja já longa carreira de professor, jornalista e escritor constitue admirável obra de educação — na generalidade e na especialidade literária e filológica em que é eminente.

Como verdadeiro moralista, o Professor Agostinho de Campos está sempre atento à caleidoscópica fisionomia do Mundo, aos problemas da actualidade, aos passos e desvios da vida nacional. E assim é êle uma das pessoas, estranhas ao sector cinematográfico que no nosso País mais se tem preocupado com os problemas postos pelo Cinema, especialmente quanto à sua influência intelectual e social. Ainda recentemente publicou num diário do Pôrto um artigo — «O cinema invasor» — que merecia ser meditado por todos quantos têm certas responsabilidades nesta santa terrinha portuguesa. São dêsse artigo as linhas que a seguir transcrevemos:

«Não há espectáculo mais triste para moralistas e educadores do que o oferecido por qualquer plateia de cinema em tarde ou noite de domingo, com centenas de crianças e adolescentes, imóveis na escuridão durante horas, a ver desenrolar histórias que não educam nem ensinam — antes pelo contrário.

«Na verdade vale muito a pena prègar sermões da bôca para fora a Lusitos e Mocidades portuguesas e ter de aturar passivamente esta invasão do que se mete muito melhor e mais fundo pelos olhos e pelas almas dentro — e onde não perpassa nem vislumbre do nosso carácter nacional, nem relâmpago da nossa história, nem calor do nosso patriotismo, nem sôpro da nossa alma colectiva, nem acôrdo com a nossa religiosidade».

Qualquer pessoa que não pertença à capelinha dos portugueses que não querem nem sabem «pensar-se» como portugueses, não pode deixar de dar razão ao Doutor Agostinho de Campos. O problema é de facto fundamental, desde que se queira conservar Portugal português, pois não há dúvida que o cinema conseguiu tornar-se o mais formidável modelador de almas dos tempos modernos. E se é verdade que muitas das obras cinematográficas podem — e até merecem — ser divulgadas e mostradas às plateias portuguesas, incluindo, as dos domingos, não é menos certo que a empanturradela permanente e indiscriminada de fitas estrangeiras, alheias senão contrárias «ao carácter nacional, ao nosso patriotismo, à nossa alma colectiva, à nossa religiosidade», será fatalmente instrumento de desagregação portuguesa — no plano nacional, no plano moral, no plano social.

O Professor Agostinho de Campos conclue assim o seu artigo:

«... de duas, uma: ou temos ganas para fazer sòzinhos cinema nacional que preste, e dure, e conte para variarmos do outro; ou será preciso «contingentar» a invasão, obrigando os nababos de além-mar a ajudar a gente a ver-se ao menos em parte livre dêles».

Com esta alternativa é que não concordamos em absoluto, pelo que sabemos das experiências realizadas noutros países e das realidades e possibilidades industriais e comerciais do cinema. Não devemos, no nosso entender, pôr a equação na forma disjuntiva. Temos sim que fazer cinema nacional, primeiro — cinema nacional «que preste e dure», cinema nacional autêntico e digno, com regularidade e com método, em quantidade e com qualidade. E só depois poderemos pensar em nos libertar da invasão estrangeira.

Pode o nosso muito caro Professor Agostinho de Campos crer que há em Portugal quem tenha ganas de fazer cinema português como é preciso que se faça; pode crer que por isso mesmo, não haverá dificuldades que amedrontem. Mas acredite também que, se não houver por parte do País, do seu escol e dos seus guias, a compreensão total da magnitude do problema, dos obstáculos que é preciso dominar, do amparo e auxílio, de tôda a espécie, que é preciso prestar a quem o acomete — pode perfeitamente acontecer que os resultados fiquem àquem das intenções e dos desejos dos que procuram com tôdas as ganas da sua vontade e inteligência, com tôdas as veras da sua alma, fazer cinema português.

Por isso mesmo «Animatógrafo» agradece e pede instantemente que continue a colaboração que, de certo inconscientemente, o Professor Agostinho de Campos deu aos seus esforços para demonstrar a necessidade do cinema nacional e da sua realização efectiva e iniludível.

DOMINGOS MASCARENHAS

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

COIMBRA FOTOGÉNICA

por ACÁCIO LEITÃO

I

«Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas *sebentas* na algibeira o Largo da Feira, avistei sôbre as escadarias da Sé Nova, romànticamente batidas da lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava».

«A sua face, a grenha densa e loura com lampejos fulvos, a barba dum ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira siríaca, reluziam, aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as resolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rojava por trás, largamente negra nas lages brancas, em pregas de imagem. E, sentados nos degraus da Igreja, outros homens, embuçados, sombras imóveis sôbre as cantarias claras, escutavam, em silêncio e enlêvo, como discípulos».

Assim descreve Eça de Queiroz o seu primeiro encontro com Antero do Quental, o «Santo Antero» que de Coimbra dizia: «essa encantada e quási fantástica Coimbra...»

Mas mudando um pouco o cenário, descendo das escadarias da Sé Nova para os degraus do pórtico da Sé Velha, poderiam visionar um quadro semelhante, em que o Poeta seria Camões, o *Trinca-fortes* da Coimbra quinhentista, improvisando, sob o mesmo luar de sonho, já romântico e inspirador.

Viajando, porém, no tempo, para àquem do de Eça de Queiroz e Antero, poderia a figura central, impetuosa ou tímida, arquejante ou mística, inquieta ou grave, ser a do lírico e boémio João de Deus, a do elegante e maguado António Nobre, a do sensível e intuitivo Augusto Gil, ou a de qualquer de tantos e tantos poetas que «essa Coimbra encantada e quási fantástica» vai produzindo e revelando em tôdas as gerações académicas.

Voltando, entretanto, a Eça de Queiroz e às suas sugestões, de subtil e agudo observador, de viva e evidente descrição, de enlevado e aliciante evocador, que extraordinário filme se faria de Coimbra do seu tempo, estudando-lhe as figuras e o ambiente, a graça e a espiritualidade, os costumes e as praxes, nessas páginas vibrantes das «Notas contemporâneas» através da narrativa da primeira parte d'«Os Maias», na mocidade escolar de Carlos Eduardo e João da Ega, na «Carta aos estudantes brasileiros» dos «Ecos de Paris», em tôdas as ocasiões em que êle nos fala de Coimbra, com a nostalgia, a ternura, a fascinação que Coimbra fica sempre renovando e agitando nas memórias de quantos moços por ali passam, recebendo, insensível e simultâneamente, as lições dos mestres e certos hábitos, certa maneira de ser, certo carácter, que a formação e a vida coimbrã inconfundìvelmente imprimem.



Os cenários da época também lá estão ainda.

Coimbra quási pode dizer-se que tem cenários para tôdas as épocas da sua longa vida de cidade universitária e académica, como da sua vida histórica e lendária, da evolução dos seus costumes e dos seus progressos.

Recordando a legenda poética que ali deixou Antero do Quental, podemos ir ao «Penedo da Meditação», da sua meditação, pelo caminho que parte de Celas, onde ainda fui muitas vezes, em «noites macias de Abril ou Maio» ouvir cantar um rouxinol, que seria sempre o mesmo, no mesmo arbusto, como uma voz da Primavera, juvenil e idílica.

Nesse caminho encontraremos a casa *em que viveu* Carlos da Maia, e depois de irmos ao «Penedo», debruçado sôbre a paisagem, dramática de solidão e de silêncio apenas interrompido pelo ramalhar dos pinheiros à breve aragem, ou por um murmúrio de regato no fundo do vale, daremos a volta por Santo António dos Olivais, não deixando de lembrar como um poeta da minha geração académica para ali se isolou numa pequena casa a que chamou «Casa do Ermo», na mais sincera e quimérica devoção de discípulo de «Santo Antero».

Bem fácil é reconstituir a tasca das tias Camelas e pelas ruas da alta, equilibrando-se nas chinelinhas que as obrigam a andar como numa gimnástica rítmica, modelando-lhes a singular elegância, ou sorrindo e palrando dos largos postigos dos rés-do-chão, ou cantando, enquanto cosem ou passam a ferro a roupa dos estudantes, como só elas cantam, desde pequenitas, lá iremos encontrar as tricaninhas de hoje, netas e bisnetas das do tempo de Eça de Queiroz.

A «Cabra» no alto da Tôrre, continua a badalar, depois de alguns anos de silêncio forçado e iconoclasta, voltando à sua pontual tradição de chamar às aulas, ou mandar recolher, com essa voz austera, apesar de feminina, e imperiosa, todos os estudantes, ou os «*bichos* e *caloiros*», netos e bisnetos dos contemporâneos de Antero do Quental.

Subindo àquela Tôrre, ou percorrendo a extensa varanda para que deitam as famosas salas da Reitoria e a galeria da Sala dos Capelos, veremos para um lado o grande pátio da Universidade, que a certas horas é como um formigueiro, de formigas aladas e negras, em que as capas dos estudantes são como asas inquietas e a Porta Férrea é a entrada principal para o átrio de que partem as *galerias*, por onde se espalha aquela estranha e sussurrante população; para outros lados desce a cidade, no emaranhado das ruasinhas estreitas e tortuosas que vão para a baixa, até ao rio, o Mondego, lânguido e mostrando os seus areais reluzentes, ou impetuoso e saltando para os campos que alaga, a perder de vista, prateado ou fulvo, límpido ou barrento, mas sempre inspirador de Poesia, evocador de lendas e passos de história, ora bucólico, ora trágico, ora deslumbrado, ora rugidor.

Só o Mondego, nos seus tão variados aspectos, com o seu movimento de embarcações de *recovagem* entre povoações ribeirinhas e até à Figueira da Foz, os seus barqueiros, correndo pelas bordas dos barcos com as enormes varas, quando o vento não enfuna com sôpro regular e bastante forte as velas enormes, as suas lavadeiras graciosas e cantadeiras, os seus choupos, o seu choupal e os seus rouxinóis que deram ao poeta, meu contemporâneo e amigo João de Lebre e Lima, o motivo desta linda quadra que deixou em Coimbra e Coimbra ainda canta:

O choupal anda, coitado,
num triste desassossêgo,
por lhe morrer afogado
um rouxinol no Mondego...

só o Mondego, daria cenários e temas, e figuração, e entrechos, para dois ou três filmes, sem termos que o percorrer da nascente à foz, nem sequer irmos até às aldeias já quási serranas das margens agrestes das proximidades de Penacova, ou à vista dêsse tão pitoresco, lendário e histórico Montemor-o-Velho.

O panorama de Coimbra, panorama-paisagem, panorama espiritual e de costumes e folclore, e panorama de almas jovens e ar-

(Conclui na pág. 13)

NA PRIMEIRA VOLTA DE MANIVELA PARA

«O PAI TIRANO»



A primeira fotografia de trabalho do 1.º Filme da Produção António Lopes Ribeiro. Vasco Santana e Ribeirinho interpretam uma das cenas de «O PAI TIRANO» sob a direcção de António Lopes Ribeiro que se vê de costas sentado na cadeira

(Conclusão da pág. 3)

na tela foi exactamente a primeira que, durante os trabalhos do «Pai Tirano» fixaram os olhos da câmara. A assistência verificou, contendo constantemente as gargalhadas para não prejudicar os trabalhos, como o Vasco e Ribeirinho tinham jeito para vender sapatos.

Vontade de fazer melhor

Mas mais alguma coisa chamou as atenções da assistência versada na matéria. Foi opinião, e opinião sincera — de quantos ali estavam que assistiam a uma maneira nova, acertada, de trabalhar. E alguns salientaram que se estava só no primeiro dia de filmagens e sem o balanço que todos os trabalhos adquirem depois de engrenados. E lembraram outros que para o bom trabalho da «équipe» sobretudo para a sensação de facilidade de trabalho que dava a «équipe», muito concorria o facto de grande parte dos elementos dela terem pegado os trabalhos dêste filme, vindos directamente dum outro. Foi provada, portanto, outra vez, mais uma das vantagens da produção contínua.

O trabalho deslizou em bom ritmo, com grande tranqüilidade e num quási segrêdo. Sousa Santos, operador de som da Tobis, aplicou um novo sistema para transmitir ordens ao seu assistente de microfones ligando-o directamente à sua cabine por uns auscultadores. Isto ajuda a facilitar a transmissão de ordens, permite a regulação do trabalho mesmo durante as filmagens sem estas se interromperem.

A boa divisão de trabalho e a abolição dos gritos para pedido de sinais exigiu do pessoal uma maior concentração mas compensou-o amplamente com um sossêgo e uma calma que são as maiores ofertas para uma «équipe» cinematográfica. Tudo isto soube a assistência apreciar devidamente.

Algumas palavras...

Quando à uma hora da tarde os chefes dos serviços anunciaram a hora de almôço, António Lopes Ribeiro reüniu os jornalistas, os colaboradores e amigos no seu escritório de produção, num pequeno aperitivo. O momento era de perfeita simplicidade, mas todos sentiam o que êle representava na vida do Cinema Português. António Lopes Ribeiro, falando, começou por dizer que não queria fazer discursos e explicou porque, além dos seus colaboradores e amigos mais íntimos apenas tinha convidado a imprensa. Fôra na imprensa que alicerçara a sua luta pela continuidade do Cinema Nacional e era da imprensa que — tinha a certeza — continuaria a vir o melhor apoio à sua obra.

Fernando Ávila do «Século» como mais antigo dos jornalistas presentes agradeceu os elogios de António Lopes Ribeiro, salientou entusiasmado o valor e o significado do trabalho do nosso director acabando por afirmar a vontade de ajudar da imprensa numa obra que, como esta, se deve considerar de alcance nacional.

Homenagem

Chamaram depois os colaboradores de António Lopes Ribeiro o director ao seu gabinete. E ali, depois de algumas singelas e entusiasmadas palavras de Augusto Soares, foi inaugurado numa pequena homenagem, o retrato do realizador do «Pai Tirano».

António Lopes Ribeiro comovido e satisfeito com a sua gente, disse da sua gratidão para com todos os colaboradores. Mostrou porque os escolhera pedindo-lhes só que pudesse contar com êles porque em troca — podia garanti-lo — podiam contar com êle.

Dispersaram-se as gentes e de tarde o trabalho continuou como se já se filmasse há 15 dias. António Lopes Ribeiro estava na segunda-feira, nos discursos, de poucas palavras. Disse poucas — mas disse exactamente as precisas. E depois naquele dia os factos já falavam de maneira tão esmagadora que dispensavam discursos. — P. H.

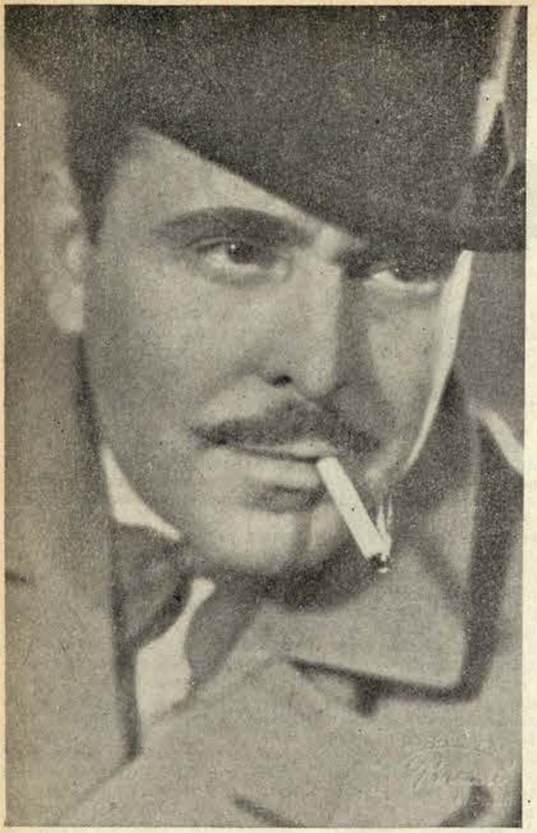


Um documento que mostra a satisfação com que jornalistas, convidados, o pessoal técnico e artístico assistiram à primeira volta de manivela da produção «O PAI TIRANO» que marca o início da actividade duma organização que vai estabelecer definitivamente a continuidade de filmes portugueses

ARTHUR DUARTE

reaparece como actor de Cinema no filme de António Lopes Ribeiro «O PAI TIRANO»

A curiosa e movimentada carreira dum actor de teatro que se dedicou ao cinema e trabalhou na Alemanha, em França, em Espanha e em Portugal onde também se dedicou à realização de filmes, e que um dia foi de longada até Hollywood.



O Artur de «O Pai Tirano», homem elegante, moderno, que vende automóveis e fuma caro é o Arthur Duarte de hoje que anda de automóvel, mas não os vende...

Depois de cinco anos de intervalo, Arthur Duarte retoma sua carreira de actor cinematográfico, interpretando para a Produção António Lopes Ribeiro o papel de «Artur» no filme «O Pai Tirano».

Nenhum cinéfilo digno dêsse nome pode ignorar que Arthur Duarte é o nosso «internacional» cinematográfico, pois mais nenhum teve ensejo de trabalhar como êle trabalhou, nas grandes organizações estrangeiras. E todos sabem que o «intervalo» a que aludimos não foi, de forma alguma, uma interrupção na sua actividade cinematográfica.



Numa das fases da sua carreira artística, Arthur Duarte foi contratado da Ufa, emprêsa para que interpretou dezenas de filmes entre êles «Scapa Flow», que vimos há anos

Um «Aufnahmenleiter»

De facto, desde que deixou, temporàriamente, de actuar como intérprete, Arthur Duarte dedicou-se afincadamente à parte técnica, desempenhando com a sua energia, os seus conhecimentos e o seu método, o lugar mais difícil e ingrato de todo o «Estado Maior» duma produção: aquele cargo a que os alemães chamam *Aufnahmenleiter*, o que significa à letra «chefe de filmagens», e que tem sido traduzido em português pelas designações de «assistente geral» e de «director de cena».

Ao *Aufnahmenleiter* compete, em estreita colaboração com o realizador — ou, se êle existe, com o próprio director de produção — a organização prévia de tôdas as filmagens, na fase chamada «de preparação», e a fiscalização, em todos os campos, do plano de trabalho estabelecido, de forma a obter o melhor rendimento técnico possível.

Duarte desempenhou êsse cargo, por várias vezes, no estrangeiro, nomeadamante em Espanha, onde ficou famosa a rapidez com que o nosso compatriota conseguia *despachar* um filme, excedendo, por vezes, as próprias previsões.

Em Portugal, desempenhou essas funções junto de Chianca de Garcia, na «Rosa do Adro»», que foi filmado num tempo *récord*, junto de Lopes Ribeiro, no «Feitiço do Império», e de Leitão de Barros em «Bocage» e «A Varanda dos Rouxinois».

Actualmente, trabalha de novo com Leitão de Barros, em «Ala, Arriba!», filme dificílimo, dos mais complexos que se têm empreendido entre nós.



Em «Gado Bravo», a sua última interpretação cinematográfica, Arthur Duarte foi dirigido por António Lopes Ribeiro

Uma carreira

Mas a actividade de Arthur Duarte em Portugal confunde-se com a própria história da Cinematografia Portuguesa. Duarte, que obtivera o primeiro prémio na Arte de Representar no Conservatório de Lisboa e encetara auspiciosamente, no Teatro Nacional, uma carreira de actor de teatro, ràpidamente foi conquistado pelo Cinema, que se dava bem com o seu espírito moderno, empreendedor, aventureiro no bom sentido da palavra.

O primeiro papel de importância que interpretou foi na «Sereia de Pedra», da Fortuna-Films, que era dirigida pela ilustre escritora D. Virgínia de Castro e Almeida.

«Animatógrafo» publica hoje uma graciosa e interessantíssima fotografia, em que se vê Arthur Duarte numa das cenas dêsse filme, ao lado da nossa primeira grande vedeta da tela: Maria Emília Castelo Branco.

«A Sereia de Pedra», bem como «Os Olhos da Alma», era dirigida pelo encenador francês Roger Lion. E Duarte seguiu Roger Lion até Paris, onde foi procurar a sua *chance*.

«O Navio de Cristal»

Essa *chance* apareceu pela mão de Constantin J. David, realizador alemão, que projectava realizar nos *fiords* da Noruega (tudo isto se passava no tempo do «mudo») um curioso filme intitulado «O Navio de Cristal». Foi êsse filme que revelou Käthe Von Nagy, que havia de ser primeira estrêla da Ufa, e Arthur Duarte desempenhava nele, com muita personalidade, um papel de relêvo.

Êsse papel-talismã chamou para o nosso compatriota a atenção dos potentados da cinematografia alemã. E no período que vai de 1925 a 1930, Duarte representou em numerosos filmes da Ufa, dirigido por alguns dos maiores encenadores teutónicos, ao lado de Lilian Harvey, Dina Gralla, Willy Fritsch, Hans Adalbert von Ssclettow (o protagonista do primeiro «Volga-Volga», etc.



No início da sua carreira, no tempo do mudo, Arthur Duarte teve uma curiosa actuação em «A Sereia de Pedra» ao lado de Maria Emília Castelo Branco

Em 1929, depois de largos anos de ausência completa, Arthur Duarte veio a Lisboa, com Dina Gralla, fazer algumas cenas para uma comédia de Erich Shönfelder,, *Fraulein Lausbub* (A Menina Endiabrada), cenas que foram dirigidas por António Lopes Ribeiro, filmadas por Manuel Luiz Vieira, e em que tomaram parte Vasco Santana, Irene Izidro, Álvaro Pereira, Júlio Vicente Ribeiro e Víctor Lopes.

De regresso à Alemanha, couberam a Duarte os dois melhores papéis da sua carreira: o marinheiro de «Scapa Flow» e um dos bandidos de «Drei Groschen Opera», a célebre «Ópera de Quat' Sous», que o grande Pabst dirigiu.

Em 1934, vem de novo a Portugal, onde, outra vez sob a direcção de A. L. R. e ao lado de Siegfried Arno, Olly Gebaner, Raúl de Carvalho, Alberto Reis e Nita Brandão, desempenha um papel em «Gado Bravo».

De então para cá, trabalhou em Espanha, até à eclosão da guerra Civil, e em França, até 1938, data em que se fixou com mais permanência no seu país. E dirigiu o seu primeiro filme: «Os Fidalgos da Casa Mourisca».



Esta fotografia é histórica. Filma-se uma cena de «A menina endiabrada», produção luso-alemã em que António Lopes Ribeiro dirigiu, pela primeira vez, Arthur Duarte

A viagem de Hollywood

Mas Duarte tem azougue nas veias, não pode *tenir sur place*. Assim fez no ano passado, conforme o nosso jornal noticiou largamente, a viagem de Hollywood, começando por ir ao Rio de Janeiro, onde chegou a ter de pé projectos interessantíssimos, que pôs de parte para não perder o ensejo que se lhe ofereceu de visitar a Capital das Imagens.

De lá nos veio mais sabedor e amando o Cinema como nunca. E é natural que a sua actuação no Cinema Português, em que confia e nas fileiras do qual luta com o maior denodo, ainda te-

(Conclui na pág. 13)



No filme «O Pai Tirano», Arthur Duarte contracena com Vasco Santana, com quem trabalhou em fins de 1928 na produção «A menina endiabrada», e com Ribeirinho, furioso dramático e seu rival

«Ala, Arriba!»

Apontamentos à margem da nova produção de LEITÃO DE BARROS

Da história do filme — assinada por Alfredo Cortez — já aqui falámos. Mas diremos a quem não tenha lido, que se trata dum documento folclórico excepcional pelo que encerra de inédito, de pitoresco, de humano e de emocionante. Costumes conhecidos de poucas pessoas foram surpreendidos pelas câmaras de filmar. Costumes estranhos que encantam tôda a gente.

Quem sabe, em pormenor, o que é a vida dos poveiros? Quem conhece a sua psicologia, o seu modo de ser, a sua maneira de agir e de reagir? Quem sabe o que é o drama de amor daquela gente votada ao mar e a Deus? Quem pode dizer como se namoram, como se querem, como se respeitam, porque leis se regem?

Não estranhe o leitor a afirmação, mas a Póvoa é quási um país distante, um mundo àparte, regido por leis especiais e particulares. Vida patriarcal governada em moldes patriarcais que constrastam com a bravura dos esforços e das lides em pleno mar.

Fotogenia imensa que tenta tantos cineastas; policromia de motivos que seduz escritores!

O «modus-faciendi» empregado por Leitão de Barros na execução de «Ala, Arriba!» é próprio dum artista. Procurou-se um mínimo de artifício, um máximo de verdade. Procurou-se, principalmente, criar um potencial de emoção mais expontânea, mais sincera. Gente do mar veio viver diante das objectivas as suas vidas simples e por vezes inquietas. E não representam: tomam a peito os papéis e as situações e sofrem ou riem consoante a personagem incarnada deve sofrer ou rir.

Ali, no estúdio da Tóbis, encontrámos, numa das nossas peregrinações, vestígios e fragmentos da Póvoa de Varzim. Barcos, um metro quadrado de praia, festões de arraial poveiro... E pescadores. E pescadeiras.

São máscaras extraordinárias, profundamente vigorosas, tisnadas pelo iodo e pelo Sol. Perfis dignos de Albert Dürer. Gente do mar... Artistas de cinema...

O filme, baseado no argumento emocionante de Alfredo Cortez, é aguardado com justificado interêsse. Leitores de Lisboa e leitores da província pedem-nos pormenores, com manifesta ansiedade. Pois faremos brevemente pormenorizada reportagem, indo ouvir, entre outros, os próprios intérpretes do filme.

Passámos por alguns, ainda há pouco, numa artéria da cidade. Dir-se-ia que a Póvoa descera até Lisboa...

À Margem das Fitas

POR RAUL FARIA DA FONSECA

Na Universidade de Nova Iorque acaba de se fundar um curso de cinema com a duração de 4 anos, compreendendo numerosas cadeiras sôbre tôdas as fases da indústria cinematográfica e dos vários ramos artísticos que a ela interessam. Estão neste caso, por exemplo, as cadeiras de redacção e preparação de argumentos, adaptação à tela, produção, direcção, dicção, etc. Robert Gesser, autor e cenógrafo, será o director dêste curso, que o reitor Charles Mc Conn anunciou há dias. Desde então, outras 300 Universidades dos EE. UU. resolveram secundar esta atitude, pelo que vai proceder-se à redacção dum regulamento dos cursos cinematográficos da América do Norte. Até à data, havia apenas no Continente Ocidental uma Universidade interessada no assunto. É a de Southern, na Califórnia. Entre nós, se a actividade cinematográfica anunciada vier a ser um facto, talvez não seja disparate organizar cursos, embora singulares (isto é, por cadeiras) sob o patrocínio do Sindicato respectivo.

Diz-se, em Hollywood, que Charlie Chaplin vai fazer outra fita... Charlie Chaplin recomenda que se ponha a notícia de remissa... Os jornalistas declaram que o entrevistaram e êle confirmou a nova... Charlie Chaplin esclarece que esta notícia se referia a outra fita... Afinal, em que ficamos?

Escreve-se: «Chaplin sente-se derrotado, velho e cansado. Reage, para encobrir, mas, na verdade, está pronto. Deve reformar-se». Chaplin não esquece, decerto, o resultado da sua última fita; e, decerto também, não ignora que muito vale uma retirada a tempo...

Os produtores dos E. U., desejosos de colaborar com o govêrno na política de estreitamento de relações com as restantes nações americanas, estão a editar fitas com o propósito de cativar os povos latinos. Mas estes queixam-se de que Hollywood atropela a verdade constantemente e protestam com veemência. Apuradas as responsabilidades, veio-se a saber que elas não cabem aos produtores mas sim aos consultores nacionais por êles contratados, a quem compete informar sôbre os usos e costumes regionais. Enrique Perdices, em artigo de fundo publicado na revista cubana «Cinema» de que é director, explica o caso da seguinte maneira: «Os latinos que chegam à Meca do Cinema — segundo as nossas informações — esquecem depressa a sua procedência, e com grande facilidade perdem a sua personalidade; desta maneira se verifica como em muitas ocasiões é mais de admirar o esfôrço dum estranho por nos imitar, que o de um latino por conservar-se puro...»

A arte de ver um filme (VI)

(Cont. do número anterior)

São também efeitos especiais — e realizados por técnicos especializados — os poentes, as madrugadas, os amanheceres, as trovoadas, as tempestades...

Vem agora a pêlo falar dos truques cinematográficos — que podem ser fotográficos ou sonoros — para os quais chamamos a atenção do espectador, embora — repetimos — não deva interessar-se por êles. Mas o crítico e o cinematografista não devem olhar para êles e não os ver. Claro que se deve usar de certas cautelas quando se fala em truques. Por um lado, o espectador anda sempre à caça dêles e raras vezes lhes acerta; por outro lado, não é conveniente revelar-lhe como se fazem. Mas não nos parece fora de propósito chamar-lhe a atenção para os grandes truques espectaculares como a praga de gafanhotos de «Terra Bendita», o terramoto de «San Francisco», as cheias de «Maldição da Índia», o naufrágio do *Clipper* de «Correspondente de Guerra», a destruição da represa da «Batalha do Oiro» — as trucagens de «Ladrão de Bagdad»...

E tão importante e notável é êsse trabalho de criação artística que muitos nomes se celebrizam e universalizam como os de Byron Haskin («A Batalha do Oiro»), F. Bersen («Maldição da Índia»), Cameron Menzies e Ray Binger («Correspondente de Guerra»), Lawrence Butler e Jack Whiting (respectivamente autores dos truques fotográficos e sonoros do «Ladrão de Bagdad»)...

Complexa, a arte cinematográfica, em vez de se simplificar, todos os dias se complica, na ânsia — que paradoxo! — de se tornar mais simples.

6

O Cinema é uma arte que se tornou possível devido à nossa retina ser fàcilmente iludida. De facto, ela aceitou como se estivesse em movimento uma sucessão de imagens perfeitamente paradas, absolutamente estáticas. O globo ocular tem ainda a ilusão de continuidade quando duma imagem a outra há um salto, uma síncope perfeita e até às vezes violenta.

Mas se a nossa vista é fàcilmente iludida, o nosso ouvido — órgão de alta precisão — denuncia a mais ligeira fraude numa emissão sonora. Assim, enquanto a retina julga ver desfilar com continuidade imagens que lhe são transmitidas com intermitência (em cada segundo, o filme sofre vinte e quatro paragens diante da objectiva), o ouvido não suportaria qualquer intermitência na emissão de ondas sonoras motivo porque a projecção da pista sonora é contínua e prescinde de obturação.

Como decerto já reconheceram, o som tem importância capital na realização dum filme. Êle permite «economizar imagens», ou melhor, não as mostrar, por vezes. Com o som pode-se sugerir o que, no tempo do mundo, era necessário apresentar.

Convém apreciar a excelência de certas gravações sonoras, cuja fidelidade assombra. Convém educar o ouvido a saber ouvir a um tempo os vários sons que foram misturados e que são emitidos simultâneamente: o diálogo que está em primeiro plano; o sibilar do vento, que está em segundo; o rumor do mar, que está em terceiro, e o acompanhamento musical, apenas perceptível, mas que se ouve com extraordinário vigor, apesar de constituir um vago fundo distante...

Repare o leitor como o som permitiu a solução de problemas como o eco das cavernas de «Aventuras de Tom Samyer»; o eco do Poço dos Desejos, na «Branca de Neve e os Sete Anões»; o esfacelamento do automóvel pelo combóio, em «Meninas da Alta Roda» — que se ouve mas não se vê; como o som conseguiu criar a sensação de angústia em momentos como a cena segunda do «Monte dos Vendavais», quando se escuta uma voz longínqua, voz indistinta, bradar na noite e ao vento:

— Heathcliff! Heathcliff!

É conveniente verificar:

a) Se os diálogos estão bem gravados;

b) Se a música está convenientemente registada, de modo que não abafe os diálogos, nem os ruídos, quando estes tenham função activa na história;

c) Se os ruídos são perfeitos e adequados à acção.

Atente o espectador nessas espantosas gravações americanas em que os artistas falam baixo e criam uma atmosfera de intimidade, sem esfôrço nem artificialismo e procure habituar o seu ouvido — que começa a apurar-se e a saber ouvir — aos cambiantes dos sons, à perfeição dos registos, com o timbre, a altura e a freqüência absolutamente respeitados. Quantas vezes o espectador, embevecido, arrastado pela acção, pelo dinamismo do enrêdo, não sabe dizer, de repente, se o filme tem fundo musical ou não!

Durante a projecção da «Loja da Esquina», tentámos a experiência e verificámos que o interrogado não dava porque, naquele passo, o filme não tinha música. Ora, em nossa opinião, o espectador ganhará mais se não perder o «contrôle» de si próprio.

E, já que falámos de sons e de músicas, delicie-se e oiça a partitura, o acompanhamento musical, as canções...

Quanto a estas últimas, exige-se um pouco de cultura musical — ou de bom gôsto — porque muita gente, habituada aos ritmos simples das valsas a dois e a três tempos doutras eras não têm o ouvido educado para os contrapontos modernos e classifica de bárbara a música contemporânea. O ouvido envelhece cedo. É o primeiro dos nossos órgãos a acordar e o último a adormecer, mas envelhece cedo. Claro que nesta velhice influi muito a cultura de cada qual.

Os ritmos sincopados criados pelos americanos encontram, na geração mais idosa, a maior incompreensão. Mas as gerações novas, lançadas num ritmo vertiginoso de vida, decerto «sentem» essas orquestrações harmoniosas e ricas de colorido e da vibração que têm trazido consigo uma dinastia notabilíssima de compositores.

Antes de falarmos na interpretação, queremos elucidar o espectador profano em matéria de cinema de que um filme não é feito pela ordem porque se apresenta. Um filme, na sua primeira fase de execução, corresponde a um casaco alinhavado. Torna-se necessário pôr todos os retalhos, tôdas as *peças* desmontadas na sua devida ordem. Êsse trabalho de ordenação tem o nome de *montagem* (não confundir, contudo, com *montagem cénica*). Dêle depende, em parte, o ritmo do filme (não o ritmo da representação, entenda-se). Os planos têm que se suceder lògicamente, harmoniosamente. Não interessa ao espectador «saber» se estão dispostos — *montados* — lógica e harmoniosamente; basta-lhe «senti-»lo se o estão de facto.

Conquanto o público não tenha de julgar a *montagem*, é-lhe todavia proveitoso saber que ela existe. Quanto mais não seja, para não passar rente a uma obra de arte e não dar por ela.

7

O espectador vai, geralmente, ao cinema, para satisfação do seu uranismo. Atrai-o a vedeta, o nome gritado pelas tubas da publicidade; empurra-o o facataz que tem pela estrêla bonita e imaterial; vence-o a sombra que perpassa na tela. Raro é aquele que entra num cinema para apreciar uma interpretação. Ora, é exactamente o culto da interpretação que pretendemos exaltar aqui. Não interessa apenas seguir a história e julgar o drama de amor da heroína que, feitas as contas, é igual a todos os dramas de amor de tôdas as heroínas. Mas importa julgar o trabalho interpretativo dos artistas. E aí temos nós matéria para curioso estúdio. Senão, vejamos: O actor cria uma personagem, de acôrdo com o pensamento do argumentista. Essa personagem tem duas partes distintas: uma física, outra psíquica. Só a primeira é visível, e só a segunda domina, impele e ordena a primeira.

A Humanidade é constituída por milhares de tipos que a ciência classificou. Cada indivíduo possui estrutura especial. O que há de mais importante a estudar em cada tipo é o seu *temperamento*, depois o seu *carácter*.

O temperamento é a estrutura física; o carácter, atributo moral. Portanto, o actor, ao criar a personagem, parte do carácter para o temperamento.

Há quatro tipos basilares de temperamentos: os sanguíneos, os linfáticos, os biliosos e os nervosos (concentrados e exagerados). Já reparou neles o espectador?

Quanto aos caracteres, êles dividem-se normalmente em dois grupos — o dos activos e o dos sensitivos — subdividido o primeiro em dois ramos: excitáveis e lutadores, e o segundo em outros dois ramos: tímidoos e apáticos. Há ainda caracteres mixtos, caracteres formados de vários caracteres. Encontramos também o tipo conhecido pelo nome de «sem carácter», que é justamente aquele que apresenta maior variedade de caracteres.

(Conclui no próx. n.º)

MOTA DA COSTA

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

Madeleine Carrol e o seu noivo **Stirling Hayden,** que se anunciou terem estado prestes a morrer no mar das Bahamas, vão interpretar um filme naquelas paragens...

Há poucas semanas as agências do outro lado do Atlântico espalharam, aos quatro ventos, um assustador telegrama em que se noticiava o desaparecimento, nas águas tranqüilas e transparentes das Bahamas, sùbitamente enfurecidas por qualquer tufão mais ou menos devastador, de dois artistas de cinema — a popularíssima Madeleine Carrol e Stirling Hayden, que acaba de fazer a sua estreia no cinema, e a quem os americanos apelidaram já de Apolo Loiro.

Dias depois, porém, as mesmas agências tranquilizavam o mundo inteiro dando a notícia de o aparecimento, depois de minuciosas e profiadas perquisas em que a aviação teve papel de excepcional preponderância, da escuna que abrigava os dois jovens e parece que apaixonados camaradas.

Mas — circunstância das mais curiosas pela coincidência do acontecimento — os dirigentes da abalisada secção de publicidade dos estúdios da Paramount dias depois tornavam público que o novo filme que aqueles dois artistas iam interpretar se passava, precisamente, nas ilhas Bahamas...

Êsse filme, cuja realização foi agora iniciada, intitula-se «Bahama Passage», é filmado em Technicolor e dirige-o o realizador-produtor Edward H. Grifith.

A acção de «Passagem das Bahamas, decorre em Miami em Nassau, capital daquelas ilhas, agora famosas pela presença dos Duques de Windsor, e sobretudo em Salt Cay, uma ilhota situada umas mil milhas para o sul de Miami, com uma superfície dumas escassas cinco milhas quadradas, e habitadas por trezentos negros e por quatro brancos apenas, todos trabalhando nas minas de sal da região. Durante as filmagens naquela ilha, os membros da «troupe» têm de dormir em tendas, e viver uma vida compatível com o primitivismo agreste do local.

Ao lado de Madeleine Carrol e de Stirling Hayden aparece ainda a prestigiosa actriz inglesa Flora Robson, Mary Anderson, Leo G. Carroll e Cecil Kellaway.

O argumento é extraído duma novela de Nelson Hayes, sendo o «scenario» da autoria competentíssima de Virginia Van Upp; a fotografia por sua vez, é de Leo Tover e Allan Davey.

Êste filme que primitivamente teve por título «Dildo Cay» esteve para ser interpretado por Doroty Lamour.

A nossa compatriota **Aurora Miranda** vai filmar na Warner Bros ao lado de **Ann Sheridan** e **Priscilla Lane**

Aurora Miranda, a irmã da famosa Carmen, hoje a loucura máxima do público americano, e que a seu lado aparecia sempre nos bons tempos das suas primeiras gravações, deixou o Brasil e, a exemplo da mana mais velha, foi de abalada até Hollywood, onde há já alguns meses se encontra tentando conquistar também para si um nome, que se não igualar o de Carmen, façanha difícil, pelo menos não envergonhe o portuguesissimo e agora célebre apelido.

A sua persistência e a sua perseverança encontraram agora justo prémio, pois Aurora Miranda foi contratada pela Warner Bros. para aparecer ao lado de Ann Sheridan, Prescille Lanne e Denis Morgan no filme que William Keighley dirige para a casa dos irmãos Warner — «Carnival in Rio».

Oxalá Aurora, nossa patrícia, consiga encontrar no cinema a situação de destaque que merece e logre alcançar a popularidade que na sua terra adoptiva, o Brasil, estava ameaçando fugir-lhe.

Bing Crosby será o intérprete de «Holiday Inn»

A actividade cinematográfica de Bing Crosby o extraordinário cantor da radio americana, a voz mais admirada dos auditores dos Estados Unidos, prossegue com aquele ritmo acelerado que é apanágio do agrado, da aceitação com que os seus filmes são, em tôda a parte acolhidos. Em tôda a parte é talvez fôrça de expressão; de facto temos de fazer excepção ao nosso país onde, devido a razões que nunca conseguimos compreender, os seus filmes não despertam o movimento de interêsse que aquele artista quer como «crooner» incomparável e indestronável, já como actor correcto e simpático, tinha incontestável direito.

Entretanto é natural que Jan Kiepura continue a ter a incondicionada admiração de grande parte da cinèfilia portuguesa...

Mas deixemos Bing Grosby e a incompreensão dos cinéfilos portugueses para falarmos do próximo filme do intérprete de «Fabricante de Estrêlas» e de «Caído do Céu». Bing Crosby, que concluiu já o filme da Paramount «Birth of the Blues», a que oportunamente nos referimos, vai ser o intéprete para aquela mesma companhia, que de há muito é detentora do seu contrato, do filme «Holiday Inn», de que Marc Sandrich, o realizador de alguns dos filmes do par Ginger Rogers-Fred Astaire agora em situação de grande destaque na companhia de Adolf Zukor, será comulativamente, o produtor e o realizador, fiel assim à nova orientação daquela emprêsa, que parece, tem dado os mais brilhantes resultados.

«Pousada de Férias» apresenta ainda a particularidade notável de para ela ter Irving Berlin o notabilíssimo compositor de músicas ligeiras, escrito nada menos que sete canções.

Clark Gable contratado para o filme «Cimarron»

Já vimos no número passado que, para não estar inactiva até que a produção do filme de ambiente de epopeia que será «Cimarron», a Metro Goldwyn Mayer resolveu que Norma Shearer fôsse a intérprete dum novo filme, «We Were Dancing».

Outro tanto sucede com Clark Gable que, ao lado de Norma será a primeira figura masculina de «Cimarron». De facto, o simpático consorte de Carole Lombard está já interpretando em Culver City uma película intitulada «Honky-Tonky», do grupo de produções de Pandro S. Berman, e que Jack Conway dirige. O argumento é extraído do romance de Edwin V. Westrate, *The Reign of Soapy Smith,* cujos direitos a M. G. M. comprara o ano passado. O filme foca a personalidade e as aventuras de Soapy Smith, figura curiosa e pitoresca dos primeiros tempos da colonização americana, que assentou arraiais no Colorado e em Yukon, de que chegou a ser, por assim dizer, dono e senhor.

A seu lado aparecem a formosíssima Lana Turner, que acaba de alcançar um êxito pessoal extraordinário pela sua interpretação em «Ziegfeld Girl», a grande actriz que é Claire Trevor, intérprete inesquecível de «Ruas de Nova York» e de «Cavalgada Heróica», Marjorie Main, Frank Morgan, cuja presença é sempre tão agradável, Albert Dekker, Rags Ragland e Chill Wills. William Daniels, fotógrafo notório e notável, é o operador.

Depois duma feliz lua de mel, **Deanna Durbin** voltou aos estúdios e recomeçou a filmar

De volta da sua lua de mel com Vaugh Paul, Deanna Durbin começou já a interpretar o seu novo filme «Almost an Angel», cuja realização, que devia ter sido iniciada dias antes de se ter assente o casamento da célebre vedeta, só agora, por êsse motivo, foi retomada.

«Quási um Anjo», que, para não fugir à tradição Joe Pasternack produzirá para a Universal, a feliz emprêsa que tem Deana sob contrato, e em que uma vez mais Henry Koster será o realizador, tem ainda por intérpretes Charles Laughton, Robert Cummings, que foi já «parceiro» de Miss Durbin em «As Três Raparigas Cresceram», e que há pouco vimos ao lado de Jean Arthur em «O Diabo e a Menina», Margaret Tallichet, Guy Kibbel, Charles Coleman e Richard Carle. Rudolph Mate, o operador francês que há muito trabalha nos estúdios americanos, é o fotógrafo do filme.

Só depois de concluir êste filme, Charles Laughton irá interpretar para a RKO-Radio «Through the Thin Wall», extraído, como já dissemos a seu tempo, da peça de Ferenc Molnar *Play's the Thing.*

Neste filme da Radio, Lucille Ball, cuja categoria continua em plena ascenção, será a «leading-lady» do espantoso intérprete de «O Outro».

FITAS NA FORJA

● *TILLIE THE TOILER, com Kay Harris, William Tracy, George Watts, Jack Arnold, Benny Bartlett, Daphne Pollard, Marjorie Reynolds e Ernest Truex. Realizado por Sidney Salkow. Fotografia de Henry Freulich. Columbia. (Aliança Filmes).*

● *SMILIN'TROUGH, com Jeanette Mac Donald, Brian Aherne, Gene Raymond, Ian Hunter, Patric O'Moore e Jackie Horner. Dirigida por Frank Borzage. Fotografia em technicolor de Leonard Smith. M. G. M.*

● *AMONG TH LIVING, com Albert Dekker, Susan Hayward, Gordon Jones, Frances Farmer e Harry Carey. Realização de Stuart Heischer. Fotografia de Ted Sparkuhl. Paramount.*

● *KANSAS CYCLONE, com Don Barry, Lynn Merrick, William Haade, Milton Kibbee, Harry Worth, Guy Usher, Dorothy Sebastian e Charles Moore. Realizada por George Sherman. Fotografia de Bill Nobles. Republic (Filmes Luiz Machado).*

● *THE GAY FALCON, com George Sanders, Wendy Barrie, Allen Jenkins, Anne Hunter, Lucile Gleason, Gladys Cooper, Florence Bates, Willie Fung, Edward Brophy, Arthur Shields e James Conlan. Dirigida por Irving Reis. RKO-Radio.*

● *MOONLIGHT IN HAWAII, com Johny Downs, Jane Frazee, Leon Errol, The Merry Macs, Marjorie Gateson, Elaine Morey, Maria Montez e Mischa Auer. Direcção de Charles Lamont. Fotografia de Stanley Cortez. Universal (Filmes Alcântara).*

PORQUE NÃO VEMOS TODOS OS FILMES A HORAS?

Não conheço nada da organização comercial das casas exibidoras de filmes em Portugal. Estou porém convencido que é excelente. A competência dos seus directores parece-me indiscutível. Não têm por isso as palavras que vão ler-se (ou não) finalidade agressiva, beliscão em competência alheia, ou crítica de uma actividade que confessadamente ignoro por completo. Êste artigo, aliás mais do que modesto, quere ser portanto apenas desabafo de cinéfilo que se vê lezado num dos seus — a êle se lhe afiguram — direitos, a saber: ver todos os filmes que por êsse mundo se fazem, a tempo e a horas, isto é: logo após a sua conclusão.

Vem de longe o atraso com que as boas fitas chegam a Portugal. E, apresso-me a fazer esta afirmação porque a guerra tem as costas largas — agora principalmente que se estende por tôdas as costas da Europa — e podia servir de desculpa ao facto. Foi sempre assim: Nos tempos mais normais as melhores fitas chegavam a Portugal quási sempre um ano depois de serem exibidas em tôdas as casas de espectáculo da Europa.

Viviam por isso os cinéfilos, no número dos quais orgulhosamente me conto, na espectativa quási angustiosa do prazer que lhes reservava a demora. E o que é deplorável é que o atraso muitas vezes prejudicava o bom acolhimento do filme, que falado, discutido, comentado através das críticas dos magazines e revistas estrangeiras, perdia o seu inédito e já tinha defeitos no espírito do espectador — imaginem! — ainda antes de ser exibido.

Essa exacerbação cinéfila chegava a provocar desinterêsse por determinada fita nos meios menos «fans». E — o que é mais grave — desiludia muito cinéfilo verdadeiro.

Vem isto tudo a propósito dum notável acontecimento cinéfilo não já muito recente mas que só agora chegou ao meu conhecimento. Parece que tem sido um verdadeiro êxito artístico e comercial — como soe dizer-se — a exibição do filme «Gone with the wind» no cinema Gil Vicente de Lourenço Marques, Colónia de Moçambique. O jornal donde colho a notícia é o «Notícias» de Lourenço Marques de 8 de Abril, nele se afirmando que «o êxito de *Foi-se com o vento* (1), é tão invulgar que a emprêsa daquele teatro, apesar de ter já em seu poder novos filmes para apresentar, se vê na necessidade de prosseguir com a exibição». Refere a notícia igualmente que a fita tem batido todos os «récords» de duração no cartaz, e que o maior êxito da América, da Inglaterra e da África do Sul é também o maior êxito de Lourenço Marques.

Custa ler estas coisas — saber que ainda estamos na Europa, e num daqueles raros países dêste continente que graças a Deus se conservam em paz, quero dizer em regime de vida quási normal — e pensar que só talvez na próxima época teremos o prazer de ver a grande fita.

Desde sempre me interessaram três coisas: as colónias, que são a minha profissão; a literatura, que é a minha devoção e o cinema, que é o meu amor.

Desejo em nome dêste último protestar contra a displiscência dos cinéfilos portugueses que não se insurgem contra os factos apontados.

Pela minha profissão e pela minha cultura especial antes me quero com as coisas coloniais do que com as metropolitanas, mas desta feita preferia que a Metrópole pelo menos andasse a par com as colónias.

ALVES DE AZEVEDO

(1) O filme terá entre nós o título: «E tudo o vento levou» (N. da R.).



Vai ser enorme a actividade da «Tony Wolfson Brook Produtions». Começou já a tomada de vistas do primeiro filme e logo que aquele esteja terminado iniciar-se-á o segundo. Outras produções se vão seguir e para que não haja interrupções e possa realizar-se mais de um filme de cada vez o estúdio será dividido ao meio para se produzir um filme de cada lado. Portanto, logo que os dois primeiros estejam prontos começarão as filmagens do terceiro esquerdo.

——O realizador Lyton Bar logo que termine o seu filme começará os trabalhos de outra produção que, no entanto, não deverá ser a «Marie de La Fontaine», mas sim uma produção passada numa terra portuguesa muito pitoresca. Os intérpretes serão naturais daquela terra. Sempre são mais baratos que os artistas profissionais.

——O galã do filme «Ala Arriba» tem dado que fazer, pois nos primeiros tempos da filmagem era muito mais magro. Com a vinda para o estúdio engordou um pouco o que resulta aparecer numas cenas mais corpulento e noutras mais esticadinho. Será uma novidade em cinema muito curiosa e de largo futuro.

HOMEM SOMBRA

«Problemas do Coração»

Problemas do coração é o título geral doutra série de filmes da Ufa, à frente dos quais está a produção de Zarah Leander «*Der Weg ins Freie*», (Caminho da Liberdade) que será realizado por Rolf Hansen. O principal elemento dêste filme de representação da grande artista intérprete de destinos femininos, é o grande amor de uma célebre cantora que, após uma longa separação, encontra o homem que ama unido a outra mulher ainda jovem e que renunciando a êle prova a grandeza dos seus sentimentos; os parceiros de Zarah Leander são Hans Stüwe e Ilse Werner. «*Der Tanz mit dem Kaiser*» (A dança com o Imperador) é uma linda comédia musical repleta de interessantes situações cujo enrêdo decorre na côrte de Maria Tereza; êste filme deve dar a Marika Rökk uma nova ocasião de revelar a sua arte interpretativa e graciosidade das suas danças. Victor Tourjanski, o realizador de renome internacional, encenará o filme «*Die keusche Geliebte*» (A casta namorada) com Willy Fritsch, Maria Landrock e Camilla Horn; figura principal dêste filme é a jovem dançarina Aimée que aparenta ser uma moça leviana afim de se defender das tentações da grande cidade e servir a sua arte sem se sentir incomodada pelos homens, pelo menos até o momento em que aparece aquele a quem ela, afinal acaba por ceder seu coração. «*Ein Mann in den besten Jahren*» (Um homem no vigor da idade) é o título de outro filme que tem por tema o amor de um homem de quarenta anos por uma criaturinha adolescente; protagonista dêste filme é o popular artista Karl Ludwig Diehl. Um outro filme que promete ser muito interessante é «*Annelie*» a realizar por Josef von Baky com Luise Ullrich no papel principal; o enrêdo dêste filme decorre nos últimos 17 anos e esboça não só a dramática vida de uma linda mulher como também reflecte os acontecimentos políticos e sociais de 1870 a 1940. «Die unvollkommene L i e b e» (Amor imperfeito) é um moderno romance de amor que decorre entre um homem habituado ao mundo e uma ingénua moça do campo; os papéis principais são interpretados por Willy Fritsch, Gisela Uhlen e Ida Wüst. No filme «*Wie konntest Du Veronika*» (Que fez você, Veronica?) vemos pela última vez o popular artista cómico da cena alemã Ralph Arthur Roberts, recentemente falecido, e que desempenha nesta produção o papel de pai de uma moça rica e caprichosa que se opõe terminantemente aos projectos de casamento que êlhe lne prepara; Gusti Huber, a encantadora estrêla do firmamento cinematográfico alemão, e o simpático Wolf Albach-Retty são os outros principais intérpretes dêste novo filme. — Para Marika Rökk está destinado um outro filme musical em que a gentil diva se apresentará uma vez mais ao público na sua estonteante beleza.

CARTAS DUM CINÉFILO

Infatigável director:

Lamentàvelmente o senhor não me mandou convite para assistir à primeira volta da manivela do seu filme «O Pai Tirano» e ir depois beber um pirolito na sua companhia. Afinal o senhor é ingrato pois continua a afastar-me do seu lado. Fique sabendo que a minha colaboração lhe podia ser útil e a minha experiência (sou cinéfilo há mais de dez anos) lhe podia ser duma grande utilidade.

Mas eu sei o que se passou durante o «Pôrto de Honra» que se realizou nos escritórios da sua «Produção». O sr. botou discurso e depois no seu gabinete inauguraram-lhe o retrato em tamanho quási natural e tornou a haver discursos. Estiveram lá também as duas vedetas do seu filme, a Maria da Graça, a quem o senhor voltou o nome do avêsso e a Leonor Maia. Se me arranjasse os retratos delas, mas com umas dedicatórias giras cá para o Ignácio era um grande favor. É a primeira vez que eu desço a pedir retratos de actrizes portuguesas, ora disto nenhuma ainda se poude gabar e estou certo que se apressarão a enviar-me os retratos, pois êste pedido constitui uma grande honra para elas.

Estou ancioso por ver os dois novos filmes portugueses «Ala Arriba» e «Lobos do Serra». Deve ser uma prova curiosa para os seus realizadores srs. Leitão de Barros e Jorge Brum do Canto visto que ambos os filmes têm o mesmo local de acção, a Quinta das Conchas. Portanto trata-se de ver quem melhor soube explorar o terreno.

Queria-lhe pedir um grande favor: era para dar ordem ao porteiro do estúdio para me deixar entrar para eu ir um dia ver as filmagens: Interessava-me o assunto pois é possível que eu mais dia menos dia possa realizar um filme, pois talvez arranje capitais para isso. Aqui muito para nós o meu pai não está melhor dos diabetes pobres. Mas isto por enquanto não convem que conste porque o meu pai ainda está lúcido e parece que ainda não perdeu a fôrça tôda. Em todo o caso eu vou tratando já do argumento do filme, de escolher os intérpretes, etc., porque depois é só vender o talho e começar a filmagem. Nesse dia dou também um «Pôrto de honra» e como não sou de reservas, convido o senhor para lá ir.

Ignácio da Purificação

P. S. — Já depois de ter a carta fechada fui ver o meu pai, está um poucochinho melhor mas não é caso para grandes apreensões. — I. da P.



ROBERT YOUNG

Êste artista tem tanta popularidade entre nós que as suas admiradoras voltaram a pedir que lhe publicássemos a vera efígie


A vida é um film....
filmar é revivê-la, em absoluta realidade, eternamente.....
Tôda a vida é acção, movimento. É o sorriso da mulher... as «traquinices» da criança... Um Ciné Kodak Oito tudo regista, sem perda do menor detalhe. Só êle fixará a vida tal qual ela decorre em cada instante.
Centenas de milhares de pessoas dedicam-se à filmagem como a uma das melhores diversões... Não perca mais tempo. Adquira o seu Ciné Kodak Oito e filme aqueles acontecimentos da vida que mais deseje conservar para todo o sempre... Será enorme o seu prazer!
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

A FEIRA DAS FITAS

«A Tortura da Carne»

(The way of all flesh)

Pela segunda vez o famoso romance de Samuel Buttler «*The way of all flesh*» foi transformado em filme pela Paramount. Quem viu a primeira versão, apresentada no S. Luiz nos primeiros dias de Janeiro de 1929, não consegue furtar-se à comparação — pois os doze anos decorridos desde essa data e as centenas de fitas exibidas entretanto não fizeram esquecer os primores da realização de Victor Fleming nem a esmagadora interpretação de Emil Jannings na figura de Augusto Schiling, protagonista da amarga aventura imaginada pelo romancista americano.

Augusto Schiling passou a chamar-se Paul Kriza e deixou de ter origem alemã para passar a ser oriundo da Hungria; o comêço da história foi avançado de 1910 para 1927, não se percebe porquê; Paul Kriza tem 4 filhos ao passo que Schiling tinha 6, dois dos quais morriam na guerra (o pai encontrava no cemitério não só a «sua» campa mas também as dêsses dois filhos, e só assim sabia da sua morte); Schiling era seduzido e roubado por uma «sereia» que actuava por conta própria, auxiliada por cúmplices da sua categoria, ao passo que Kriza é vítima duma quadrilha chefiada por um «respeitável» advogado; etc. Nenhuma destas inovações, de que são responsáveis Lajos Biro e Jules Furthman, adaptadores do argumento (a «veterana» Leonore Coffee aparece apenas como autora da planificação) — nenhuma destas inovações, dizia, me parece feliz, isto é, nenhuma me parece preferível à solução correspondente da versão silenciosa. A seqüência que nesta se seguia ao episódio da linha do caminho de ferro — Augusto Schiling deambulando pelas ruas de Chicago e vendo em cartazes, títulos de jornais, tabuletas de lojas, palavras acusadoras do seu desvario e da sua desonra — foi agora substituída, também sem vantagem, por uma cena com vagabundos, nos subúrbios de Nova York.

A Paramount desta vez não pretendeu fazer, como da primeira, um «grande filme». A encenação, se bem que correcta e perfeitamente honesta, não foi cuidada e esmerada com a de há 12 anos, nem atinge o primor cinematográfico, de concepção e realização, alcançado pelo trabalho de Victor Fleming. De resto, Fleming é Fleming — e esta versão foi dirigida por um tal sr. Louis King.

À mesma conclusão é forçoso chegar quanto à comparação — infalível, fatal — entre a interpretação de Tamiroff e a criação de Jannings. O actor germânico era extraordinário na composição da figura, na primeira fase.

Akim Tamiroff tem um excelente desempenho no seu Paul Kriza, que satisfará completamente quem não viu Jannings em Augusto Schiling. Jannings era superior, especialmente na segunda fase da interpretação. Na cena capital do balcão da sala de concertos, Jannings conseguia traduzir simultâneamente a imensa amargura que invadia a alma da personagem, o orgulho por aquele filho que as multidões aclamavam, a satisfação por ver que conseguira livrar a família das conseqüências da sua falta. Tamiroff consegue apenas uma poderosa expressão de tristeza e angústia.

Dos outros intérpretes, há que mencionar Gladys Georges, talvez superior a Belle Benneth no papel da mulher do protagonistá, e Muriel Angelus, que tem menos personalidade e menos talento do que Phyllis Haver, e também menos «credibilidade física» para desempenhar uma «tentadora». — D. M.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«A TORTURA DA CARNE» (Paramount)

— O poder emocional do argumento, extraído da novela de SAMUEL BUTTLER.

— A interpretação de AKIM TAMIROFF.

— A encenação correcta de todo o filme, especialmente na cena do concêrto.

«NICK CARTER, REI DOS DETECTIVES» (M-G-M)

— Jacques Tourneur pela clareza e movimentação que imprimiu ao filme, muito especialmente pelas cenas de abertura.

— Walter Pidgeon, Rita Johnson e sobretudo Donald Meek pelo valor das suas interpretações.

«Nick Carter, Rei dos Detectives»

(Nick Carter, Master Detective)

Sem querer fazer paradoxo pode-se afirmar que o maior defeito dêste filme é a sua maior qualidade. Jacques Tourneur, especialista de complementos policiais realizou um filme agitado, vivo com a marca exacta dos complementos do género, pela simplicidade da história, a clareza de contar, o estilo incisivo e a movimentação dos episódios. Estas são as suas grandes qualidades. Simultâneamente há em todo o filme um esfôrço — bem defendido, aliás, mas sempre esfôrço — para atender, para conseguir «arranjar» uma fita dum assunto que pela acção que realmente tinha, sem histórias ou intrigas anexas precisava dum grande desenvolvimento de episódios — capaz de lhe dar o fundo suficiente.

Os méritos da direcção de Tourneur são que as qualidades superam grandemente os defeitos e o filme resulta com bom ritmo, com interêsse — pois tudo quando é acessório pela maneira dinâmica como foi defendido resulta.

Entre os intérpretes tornam-se particularmente salientes Walter Pidgeon, Donald Meek e a simpática e insinuante Rita Johnson. Pidgeon com o seu estilo característico, sóbrio e elegante, calmo e seguro acerta em cheio com a figura de Nick Carter detective imperturbável. Donald Meek patenteia mais uma vez todos os inesgotáveis recursos no cómico detective-amador e criador de abelhas. — F. G.

Coimbra fotogénica

(Conclusão da pág. 6)

dentes e de gente característica e inconfundível de tôdas as idades, é como um pequeno mundo de múltiplos aspectos, qual dêles o mais pictórico e colorido, mais rítmico e musical, mais fotogénico, no sentido do interêsse vivo que oferece à curiosidade e às realizações do cinema.

Vamos percorrer, pois, mais alguns dêsses aspectos, na magia de irmos sempre encontrando surpresas, até nos lugares por onde já passámos durante anos sobretudo alegres e sobretudo sonhadores e estouvados da mocidade, que nos deixa mas não deixa nunca Coimbra que tem sempre vinte anos, que é sempre gaiata e feminina, grácil e caprichosa, amorosa e volúvel, «essa encantada e quási fantástica Coimbra», de Antero de Quental e de todos os tempos.

ACÁCIO LEITÃO

ARTHUR DUARTE

(Conclusão da pág. 9)

nha muito a acrescentar à sua brilhante fôlha de serviços.

Artur de Castro

Chama-se Artur de Castro e é vendedor de automóveis, a personagem que António Lopes Ribeiro distribuiu a Arthur Duarte no primeiro filme da sua Produção: «O Pai Tirano».

Terceira personagem masculina da fita, que tem, como é sabido, Vasco Santana e Ribeirinho, *Artur de Castro* tem em Arthur Duarte o intérprete ideal.

Mas o contrato que assinou com a Prod. A. L. R. prevê, no programa para 1942, que já está em estudo, mais dois papéis de maior relêvo.

Arthur Duarte já começou a sua actuação nas filmagens de «O Pai Tirano», que vai hoje no seu oitavo dia de trabalho, dos 32 previstos no programa.

Podemos garantir que está em plena forma. Porque um profissional da sua têmpera não perde fàcilmente as aptidões que o distinguiram aos olhos de tanta gente competente. *Artur de Castro* é mais uma figura típica a acrescentar à sua galeria.

O seu 113.º filme

Porque sabem em quantos filmes nacionais e estrangeiros, Arthur Duarte já interveio, como artista ou como técnico?... Nada menos de 113!

«O Pai Tirano» é, de facto, o 113.º filme que A. D. junta ao seu imponente *Tableau*. Podemos garantir que poucos europeus podem gabar-se de semelhante proeza.

B. F.

LEITORES:

Preparem-se para assistir à segunda festa do

«Clube do Animatógrafo»

que se realiza ainda êste mês no salão do PALACIO DAS EXPOSIÇÕES

O Correio de Bel-Tenebroso

909 — MAD ABOUT MUSIC (*Lisboa*). — Podes escrever à Deanna Durbin em português, para Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. — Jan Kiepura tem andado numa *tournée* lírica pela América do Sul. Actualmente encontra-se na Cinelândia, e, segundo parece, vai regressar à tela.

910 — CINÉFILO 100 POR CENTO (*Alpiarça*). — A vedeta a que te referes não canta. O problema resolve-se por um «duplo», que lhe «empresta» a voz. No cinema, tal facto é muito corrente. Do mesmo modo, certas pernas esculturais que tu vez em primeiro plano, muitas vezes, não pertencem às artistas que figuram no plano de conjunto, mas a uma «chorus-girl» qualquer cujo «talento» se resume nas suas pernas esculturais com que a Natureza a dotou. — Transmito o teu desejo de te corresponderes com *Melita Sarreia Cabral*, *Primavera* e *Uma loira madeirense*.

911 — ESPUMA DOURADA. — O teu pseudónimo parece uma marca de «champagne». — Fizeste muito bem em escrever-me. Com todo o prazer te atenderei, de hoje para o futuro. — Danièle Darrieux continua em França, algures, na zona não ocupada. Ignoro a sua morada actual. — Espero que me escrevas mais vezes, e que a demora desta resposta te não haja desanimado a prosseguir.

912 — SEMPRE SONHADOR (*Braga*). — *Animatógrafo* transmite as cartas que lhe forem enviadas com destino a tôdas as artistas portuguesas. Basta que as endereces à destinatária, com a menção: ao cuidado da revista *Animatógrafo*, R. do Alecrim, 65, Lisboa.

913 — HUMBERTO (*Pôrto*). — Achei muito simpática a tua carta. Gostei muito de a ler e regozijo-me por que te hajas resolvido a escrever-me, muito embora, para tanto, durante três anos tenhas tomado balanço... — Espero, pois, que sejas um consulente assíduo e conta, de antemão, com a minha simpatia e boa-vontade, para o que elas te prestarem...

914 — MORENITA (*S. João da Madeira*). — Se estou disposto a aturar-te? Dir-te-ia imediatamente que sim, se a palavra «aturar» não implicasse na aquiescência «sacrifício», ingrediente que não temperaria as conversas que, por certo, vamos ter. Assenta, pois, que tenho a maior satisfação em conversar contigo, tanto maior quanto é certo que a tua carta me deixou a melhor impressão da tua pessoa. — Não me parece que esta seja a melhor oportunidade para solicitares de Corine Luchaire a foto que pedes. — Lê o que disse a *Espuma Dourada* (que sabor a caves da Raposeira!...) a propósito da Danièle e aplica ao teu caso as considerações que formulei. — Cá fico à espera de mais cartas tuas, *Morenita*.

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

915 — BOM SENSO (*Lisboa*). — A tua carta, com as alusões ao «frio siberiano» que então fazia deixou-me nostálgico, a pensar nesses deliciosos dias de inverno que êste odioso calor reabilitou... — Também considero a Betty Grable um amor de rapariga. Na minha opinião, na *Sinfonia dos Trópicos*, ela «apagava» a Carmen Miranda, como mulher, claro está. — Fico à espera de novas cartas tuas.

916. — AGOSTINHO C. F. (*Setúbal*). — Na próxima temporada, veremos dois filmes de Deanna Durbin: *Parada da Primavera* e *Nice Girl*. — Gloria Jean aparecerá também em alguns filmes. — *A Justiça de Jesse James* é um bom filme e Tyrone Power tem um desempenho à altura dos seus créditos.

917 — SEM AMOR (*Lisboa*). — Tenho, como tu, imensa pena das tuas cartas e as minhas respostas terem a separá-las tanto tempo de distância. Mas não pode ser doutra forma. Há que ter paciência. — Quási todos os artistas de cinema que têm vindo a Portugal são invulgarmente simpáticos. E, caso curioso, quanto mais célebres, mais simples se apresentam. — Na próxima temporada, vamos ver um grande filme com Laurence Olivier e Vivien Leigh, o teu par favorito: *That Hamilton Woman*, de Alexandre Korda.

918 — JOANINHA (*Lisboa*). — *A Carga da Brigada Ligeira*, com Errol Flynn, é um filme americano, produzido pela Warner Bros. — O «Quadro de Honra» do *Animatógrafo* não se faz para premiar os filmes em valor absoluto, mas para distinguir, dentro de cada um dêles, os aspectos dignos de serem destacados. Um filme execrável pode ter uma fotografia maravilhosa. Neste caso, «Animatógrafo» diz: «Filme tal, a fotografia de cicrano». Até certo ponto, é uma homenagem àqueles que desempenham o seu lugar de forma a merecer cumprimentos — És muito injusta quando dizes que *tôdas* as fitas nacionais são verdadeiras monstruosidades. E a injustiça é tão grande que me limito a sublinhá-la, sem curar de pôr as coisas no seu devido pé.

919 — MICKEY ROONEY ÀS AVESSAS (*Lisboa*). — O teu pseudónimo deixou-me perplexo... — O primeiro filme de grande metragem interpretado por Deanna Durbin foi *Three Smart Girls*, que em português se chamou, com muito pouca propriedade, *Três Raparigas Modernas*.

920 — BENJAMINA (*Lisboa*). À tua pregunta: «Quem são os noivos?» respondi com determinação do número... Em face do mesmo, tu dizes agora, que eu devia estar a pensar na «Judy» ou na «Dorothy», quando te escrevi Oh! Injustiça humana! — Na tragédia de cada homem, a mulher ou as mulheres não são a tal «coisa amorfa» a que, por ironia, te referes. Elas desempenham um papel importante... Muitas vezes, sem elas, a tragédia não existiria. Mas muitas vezes também elas são o prólogo e a apoteose... — O filme a que te referes foi de «castigo para a casa escura». Mas não fomos nós que fizemos partida. Nessa «comédia», representámos o papel de vítimas... — A ideia de contar as fotos é mesmo, mesmo «Benjamina». Se não me chamasses a atenção não teria dado por tal!

921 — ZÉ FERNANDES (*Serra da Lapa*). — Recebi o teu convite amigo, para ir de longada até à fonte da Senhora da Lapa, satisfazer a tua curiosidade de saber de que tamanho são os meus pecados. Não posso aceitar. Tenho mêdo que a gruta, abalada por êles, acabe por ruir e me sepulte sob as suas pedras virtuosas. — Com que então achas que «Animatógrafo» não é para a plebe cinéfila? Ainda bem que o dizes, pois verifico que a élite é numerosa e entusiástica. — A tua carta hoje vem muito pouco cinegráfica. De modo que ainda que queira estar aqui de conversa fiada, não conseguirei arranjar assunto, para os nossos devaneios cinéfilos. — Recomendo-te que vejas *As Mãos e a Morte*. Aquele simbolismo do homem que mata quando acaricia, tem uma réplica popular no estribilho: «quanto mais tu me bates, mais gosto de ti...».

922 — DONALD e POPEYE (*Dafundo*). — Para obter uma foto de Dorothy Lamour deverão escrever-lhe para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. É conveniente juntarem ao pedido 25 cêntimos de dólar, ou seja cêrca de 6$00, em «coupons» internacionais. Qualquer casa Bancária vos informará da melhor maneira de remeter o dinheiro. — Alguns dos melhores filmes de Chevalier: *A Parada do Amor*, *Ama-me esta Noite*, *O Tenente Sedutor*, *A Viuva Alegre* e *O Mistério das Onze Desaparecidas* (Pièges), que foi, aliás, o último filme que interpretou.

923 — DONALDA (*Lisboa*). — Li com o maior interêsse aquela carta que me escreveste, linha sim, linha não, para que mais fàcilmente pudesse decifrar o que me dizias. Foi boa ideia, porque cheguei ao fim mais depressa. — Não desanimes, pois, com o que te disse, e vai escrevendo sempre. Encontrão da direita, encontrão da esquerda, hei-de sempre acabar por perceber aquilo que me dizes. Mas repito, sem ironia, acredita: a tua letra é linda. Mas se o Donald tivesse que a ler, tu verias o sarilho em que andaria o seu rebelde boné à maruja... — O prefácio, dactilografado, é muito gracioso.

924 — LOIRA APAIXONADA (*Lisboa*). — A tua carta é um prodígio de simpatia. Cá estamos de novo a conversar, e isso é que importa. — Se a tua «paixão» incide tôda sôbre uma foto autografada de Tyrone Power parece-me bem fácil satisfazê-la. Porque lhe não pedes, directamente, que te envie a desejada foto? Se quiseres, escreve-lhe para 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Numa resposta anterior, encontrarás a direcção de Deanna Durbin. Judy Garland e Melvyn Douglas: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — *Loira apaixonada* saúda *Luiz XV*, *Eterno Garoto*, *Sem Amor* e *Benjamina*.

925 — REI CINÉFILO (*Pôrto*). — Obrigado, pelas palavras de incitamento e aplauso que diriges à nossa revista. — Êste leitor acede a corresponder-se com *Duas Alentejanas Intimas*, nas condições por elas formuladas.

926 — RAINHA FARIDA (*Aveiro*). — Fui dos lisboetas que aplaudiram no Coliseu a fantasia *Môlho de Escabeche*, que envergonhava muitas revistas dos profissionais. — Quanto à foto, acredita que não exagerei. Pelo contrário: Devo ter sido um pouco comedido, por motivos que fàcilmente compreenderás. — Espero a nova carta tua, com impressões sôbre os filmes que ùltimamente têm aparecido em Aveiro. — Transmito as tuas saudações aos leitores de *Animatógrafo* e, em especial, a *Bob Taylor*.

927 — BIJAGÓS E SOLIDÓ (*Lisboa*) — Fiquei ciente das origens dos vossos pseudónimos. Estavam em dia de inspiração, quando os escolheram. — A «Universal», depois duma remodelação que sofreu, passou a denominar-se «Nova Universal». — Katherine Hepburn: R. K. O.-Radio Pictures, Gower Street, 780, Hollywood, Califórnia. — Merle Oberon, United Artist Studios, 1040, Formosa Avenue, Hollywood, Califórnia. Martha Raye: Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — Martha Eggerth está em Hollywood. Mas ignoro ainda para que firma irá trabalhar.

928 — MY HEART IS FOR YOU. — Recebo-te com o maior prazer nesta secção. — Danièle Darrieux, até há pouco tempo, estava em Nice. Ignoro, porém, onde se encontra presentemente. E como a correspondência para França tem demorado, e o paradeiro da artista é incerto, parece-me melhor aguardares outra oportunidade, para lhe escreveres. — Êste leitor deseja cartear-se com leitoras do *Animatógrafo*.

929 — CAPITÃO BLOOD (*Tomar*). — Ann Rutherford tem 21 anos. Já a podes raptar, que não cairás na alçada da lei. Também simpatiso muito com ela, a despeito de ser fútil e amimada, aqui para nós, o Mickey por vezes tem um bocado de pachorra para a aturar...

Bel-Tenebroso

Cuidando das estrêlas

Judy Garland vai entrar em cena...

Principia o suplício do embelezamento da vedeta. É o maquilhador, a cabeleireira, a costureira... A vedeta tem de ficar bonita para a fotografia: vamos lá criar ilusões... Sobrancelhas pintadas, lábios desenhados a pincel, cabelo orvalhado de gotas infinitamente pequenas de brilhantina, pestanas postiças, o trajo acabadinho de passar a ferro...

Assim se cuida das estrêlas feitas por mão humana para brilharem num firmamento efémero.

Dis-se que o céu de Babilónia era o mais formoso, o mais puro, o mais belo de todo o mundo, mas a multidão nunca o admirou tanto como a êsse pequeno universo criado num bairro de Los Angeles... Judy Garland, Ginger Rogers, Lucille Ball têm mais significado, nos dias de hoje, de que Sírius, Venus ou a estrêla Vesper... O mundo sideral cantado pelos poetas estava distante demais para interessar o homem. E êste, que anda sempre a reformar e a melhorar (?) a natureza, quis ter o céu mais perto de si. Mas — desilusão! — as estrêlas amadas continuam apenas a ser luz, continuam a estar distantes e a não ter qualquer significado material...

É para agradar a todos nós, criadores ou adoradores dêsse firmamento feito pelo homem que, conforme vemos nas gravuras juntas, Judy Garland se sujeita às decisões da sua maquilhadora e, em baixo, Lana Turner estuda o diálogo enquanto lhe dão o último retoque nos cabelos orvalhados de brilhantina...

Compreende-se assim, e já tantas vezes se tem dito que desnecessário seria repeti-lo, quão estafante é a vida de uma artista de Cinema.

Há mil e um cuidados para com elas.

Os nossos leitores tem ouvido dizer que as estrêlas de Hollywood se sujeitam diàriamente aos mais complicados regimens para não engordarem, que praticam mil e um desportos, que se deitam cêdo e que se levantam cêdo, que se encontram algumas vezes proïbidos de voar, andar de automóvel e outras coisas, mas ignoram com certeza que elas estão diàriamente horas e horas no camarim da maquilhagem, imóveis sem poderem fazer o mais pequeno movimento facial para que os tons gerais aplicados se espalhem por tôda a pele permitindo uma caracterização irrepreensível e conseqüentemente uma beleza radiosa. Depois de todo êste trabalho, além do precedente que é nada mais, nada menos do que vestir os fatos, por vezes complicados, com que têm de aparecer em cena, passam para as mãos do cabeleireiro que com ferros e aparelhos vários lhes prepara um artístico penteado.

Mas não acabam ainda os tormentos das vedetas antes de se dirigirem para o *plateau*.

É preciso esmaltar os dentes, e os dentes são esmaltados com vernizes especiais. E depois de tudo isto, e sob o olhar vigilante das suas costureiras que cuidam até aos mais infimos pormenores as suas *senhoras*, as estrêlas de Hollywood, e do mundo inteiro, dão entrada no *set* onde têm que trabalhar durante o dia inteiro debaixo dum deslumbramento luminoso que lhes derrete a maquilhagem e é constantemente retocada pelos assistentes de caracterizadores para que a estrêla seja sempre brilhante na tela.

E isto sucede todos os dias, durante os anos que o público quere para que a sua vedeta preferida lhe apareça amiudadas vezes no *écran*.





Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Rainha do patim e princesa da tela — eis SÓNIA HENIE, a graciosa norueguesa

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: ROBERT YOUNG